

O MODELO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E SEU REFLEXO NO PAPEL ATRIBUÍDO AO POLO EM EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Ana Luisa Mülbert – amulbert@gmail.com – UNISUL VIRTUAL

Luiz Henrique Milani Queriquelli - luiz.milani@unisul.br – UNISUL VIRTUAL

José Gabriel da Silva - jose.gabriel@unisul.br – UNISUL VIRTUAL

RESUMO. *Este artigo aborda o papel do polo EaD na Iniciação Científica, como algo decorrente do modelo de EaD assumido por uma instituição. Para isso, seus autores analisaram 20 projetos de Iniciação Científica em EaD de uma universidade comunitária, bem como os depoimentos dos estudantes envolvidos nos projetos. Os resultados apontam para diferentes conclusões, entre as quais destacam-se: modelos de EaD nos quais o polo tem papel minoritário para o funcionamento de um curso superior tendem a induzir projetos de pesquisa cuja realização prescinde do polo de apoio presencial. O artigo ainda traz reflexões acerca de limitações no conceito corrente de polo e sugere posturas institucionais para expandir o uso dos polos na Iniciação Científica a distância.*

Palavras-chave: *Iniciação Científica. Educação a Distância. Polo de apoio presencial*

ABSTRACT. *This paper addresses the role of the distance learning center (DLC) in a scientific initiation activity as a consequence of a distance education model adopted by an institution. For this purpose, the authors analyzed 20 projects of scientific initiation in Distance Education (DE) of a community university, as well as the statements of the students involved in those projects. The results point to different conclusions, among which we can highlight: distance learning models in which the DLC has a minor role for the operation of a higher education course tend to favor research projects in which realization does not demand the face-to-face support center. This article also brings reflections related to limitations in the current DLC concept and suggests postures that institutions can take to expand the use of DLCs in scientific initiation.*

Keywords: *Scientific initiation. Distance Education. Distance learning center.*

Submetido em 14 de maio de 2017.

Aceito para publicação em 01 de setembro de 2017.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1. INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) — modalidade de ensino prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei 9.394/1996) — é um processo de ensino-aprendizagem mediado por Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Nesse processo, a superação da distância se dá por meio de procedimentos diferenciadores na elaboração da instrução e na facilitação da interação (MOORE; KEARSLEY, 2012). Na EaD, a mediação pedagógica exige lidar com o distanciamento físico existente entre seus participantes e isso requer o uso de recursos, estratégias, habilidades, competências e atitudes diferentes dos convencionais (SOUZA; SARTORI; ROESLER, 2008).

Os recursos das TICs podem contribuir significativamente para a construção de espaços de aprendizagem que auxiliam na superação dos efeitos do distanciamento. Na EaD, os espaços físicos são substituídos por espaços virtuais, apresentados na forma de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), laboratórios virtuais de aprendizagem, objetos de aprendizagem digitais, entre outros, que fornecem variadas ferramentas para mediar o processo educacional (OBLINGER, 2006). Em tais espaços, a mediação ocorre por meio de dispositivos que viabilizam a comunicação, tanto síncrona como assíncrona, possibilitando a criação de diversas estratégias que favoreçam o diálogo e a participação ativa dos estudantes (SOUZA et al., 2008).

A legislação brasileira prevê que as instituições de educação superior que ofertam cursos na modalidade a distância ofereçam estruturas de apoio presencial, chamadas tecnicamente de *polos de apoio presencial*. O instrumento “Credenciamento de Polo de Apoio Presencial para Educação a Distância”, usado pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), define o polo da seguinte maneira:

Polo de apoio presencial é um espaço físico para a execução descentralizada de algumas das funções didático-administrativas de cursos a distância. Polos de educação a distância são unidades operativas, no País ou no exterior, que poderão ser organizados em conjunto com outras instituições, para a execução descentralizada de funções pedagógico-administrativas do curso, quando for o caso. (BRASIL, 2010, p. 21).

Os polos podem abrigar atividades de ensino, pesquisa e extensão, de acordo com o estabelecido no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) de cada instituição e também com os programas e agendas institucionais de pesquisa e extensão, além do Projeto Pedagógico de cada curso. (BRASIL, 2016).

O instrumento de credenciamento dos polos determina que esses disponham dos seguintes espaços físicos gerais: laboratório de informática; laboratórios didáticos específicos; sala de aula com recepção de videoconferência; sala de aula; sala de coordenação do polo; sala de tutoria; secretaria de atendimento aos alunos; biblioteca; auditório e espaço de convivência. (BRASIL, 2010). Ou seja, concebe-se o polo essencialmente como um espaço físico por meio do qual a universidade se faz presente em determinada localidade distante da sua sede. Em outras palavras, ainda,

entende-se que a universidade ofertante de EaD depende do polo para se estender a localidades distantes da sua sede.

Cabe ressaltar que a definição legal enfatiza que os polos se destinam à “execução descentralizada de funções pedagógico-administrativas do curso, **quando for o caso**” (grifo nosso). Essa ressalva — “quando for o caso” — reflete a pluralidade de modelos de EaD existentes, apesar das restrições legais. Alguns modelos existentes no Brasil, pela sua natureza e concepção, têm os polos de apoio presencial como imprescindíveis para o seu pleno funcionamento. Outros modelos eventualmente prescindem do polo, sendo algo quase dispensável para a execução da maioria das atividades essenciais a um curso superior. Como argumentaremos adiante, este último parece ser o caso do modelo de EaD adotado pela instituição escolhida como objeto de estudo deste artigo.

Entre as atividades essenciais a um curso universitário encontra-se a Iniciação Científica (IC), entendida como uma modalidade de pesquisa acadêmica desenvolvida por estudantes de graduação que possuam pouca ou nenhuma experiência em trabalhos ligados à pesquisa científica, representando assim o seu primeiro contato com tal prática. Entendendo a IC como atividade essencial a um curso universitário e presumindo que, dependendo do modelo de EaD adotado por uma instituição, essas atividades essenciais podem prescindir do polo de apoio presencial, realizou-se este estudo para verificar: (1) se as pesquisas no nível de IC ligadas aos cursos de graduação EaD da instituição alvo desta pesquisa dependem, em alguma medida, do polo presencial, para serem realizadas; e (2) se modelo de EaD adotado por uma instituição (e o conseqüente papel do polo nesse modelo) condiciona, em termos metodológicos, o tipo ou tipos de pesquisa de IC que podem ser realizados nessa modalidade.

Nesses termos, este artigo visa expor os resultados de um estudo conduzido por seus autores a fim de responder às duas questões acima colocadas. Na seção a seguir, apresentam-se os aspectos metodológicos desta investigação.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho parte de um relato da experiência de seus autores, dado que estes atuam como colaboradores do programa institucional de Iniciação Científica ou como professores-pesquisadores na educação superior a distância. Nesse sentido, os autores atuam como observadores participantes da pesquisa aqui relatada. Além disso, adota-se também como procedimento a pesquisa documental e o levantamento de dados em questionários aplicados aos estudantes envolvidos nos projetos de Iniciação Científica. A pesquisa documental realiza-se a partir da análise qualitativa dos projetos de Iniciação Científica aprovados em 2016, que são classificados e analisados conforme suas características. Dados qualitativos coletados em questionário contribuem para investigar as percepções dos estudantes quanto ao desenvolvimento das ações de pesquisa. Os dados obtidos em diferentes fontes e procedimentos são articulados entre si em uma análise interpretativa que, quando associada com a literatura científica, subsidia a discussão da temática proposta neste estudo.

A coleta de dados ocorreu em dois momentos específicos. No primeiro momento extraiu-se do texto dos vinte projetos de IC analisados informações referentes à metodologia adotada, em especial com relação à infraestrutura necessária para a realização da pesquisa (a fim de avaliar o quão imprescindível é o polo para a realização de cada pesquisa, de acordo com o seu projeto. Em um segundo momento, aplicou-se um questionário aos estudantes-pesquisadores, para verificar se eles, durante a realização da pesquisa, utilizaram o espaço do polo e se encontraram alguma dificuldade que poderia ter sido sanada com uma estrutura de apoio presencial.

3. O DESENVOLVIMENTO DA INICIATIVA

3.1 O contexto institucional e o modelo de educação a distância adotado

A iniciativa aqui relatada desenvolveu-se na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). É instituição de caráter comunitário, multicampi, que atua nas modalidades presencial e a distância, com os campi presenciais distribuídos em diversos municípios do estado. Suas ações em Educação a Distância (EaD) partem de seu Campus Virtual, também denominado de Unisul Virtual, onde são desenvolvidas as atividades de gestão de EaD, que envolvem gestão acadêmica de cursos, gestão operacional, logística, produção de recursos didáticos e outras atividades de suporte à EaD. Esta forma de estruturação decorre do modelo de EaD adotado pela instituição e consiste na oferta de cursos mediados por tecnologias da informação e comunicação (TIC), que faz uso da internet como principal canal de comunicação entre estudantes e os demais agentes da Universidade. O desenho metodológico de EaD adotado é constituído por um conjunto de estratégias pedagógicas que se desenvolvem apoiadas em recursos tecnológicos que favorecem uma dinâmica de estudo autônomo, com flexibilidade de escolha de horários/locais de estudo e um a comunicação predominantemente assíncrona entre estudantes, professores e tutores.

A instituição opera com 77 polos, distribuídos em todos os estados brasileiros, nos quais oferta 31 cursos de graduação e 29 de pós-graduação *lato-sensu*, com 6.248 alunos matriculados em cursos de graduação e 1.050 alunos em pós-graduação (no primeiro semestre de 2017).

Os principais elementos que constituem a metodologia institucional são: a) os materiais didáticos; b) o sistema tutorial; c) o sistema de comunicação e interação; e d) o sistema de avaliação (UNISUL, 2013). Tais elementos são arranjados em processos de estudo, para os quais o estudante precisa atender a compromissos definidos em calendário, como avaliações e atividades. Professores e tutores, por sua vez, têm compromisso de realizar atividades pedagógicas e de apoio aos estudantes em suas atividades de estudo.

Uma característica marcante do modelo praticado pela instituição é a centralização na sede, sempre que possível, das ações didáticas e de apoio aos estudantes. Por isso, a comunicação entre estudantes e os demais agentes do sistema tutorial está fortemente centrada na interação por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), sendo este um elemento fundamental para estabelecer a

sistemática de comunicação e interação entre os diversos atores (técnicos, estudantes e docentes) que participam do processo ensino-aprendizagem.

A mediação pedagógica realizada a partir da sede é responsabilidade do professor especialista no conteúdo de cada disciplina. Esse professor atuante na EaD é o mesmo professor que também atua em cursos presenciais, tendo, portanto, as mesmas características e o mesmo perfil profissional. Sua atuação concentra-se na mediação pedagógica, especialmente dedicada às questões relacionadas à aprendizagem do conteúdo. Cabe a ele sanar dúvidas de conteúdo do estudante, incentivar e motivar o estudante, orientar o desenvolvimento das atividades estudantis, bem como corrigir as avaliações da disciplina. O tutor, por sua vez, tem por função prestar apoio metodológico e técnico ao estudante e promover ações de motivação e de desenvolvimento de autonomia para os estudos. O foco da tutoria é oferecer suporte técnico e motivacional, de modo a gerar um ambiente seguro e confiável para a realização das atividades acadêmicas. O tutor pode atuar diretamente da sede da Universidade, por meio do AVA, ou atuar no polo presencial, onde, além de orientar estudantes em questões técnico-pedagógicas, acompanha a aplicação das avaliações presenciais.

Quanto aos materiais didáticos, a Universidade possui diversas estruturas para seu desenvolvimento e distribuição. Os materiais didáticos são produzidos a partir do design instrucional de conteúdos e atividades preparados, com ênfase na autoaprendizagem, e em tecnologias de informação e comunicação, como instrumentos mediadores da aprendizagem. Os materiais didáticos são desenhados de modo a possibilitar que o estudante desenvolva a sua capacidade de desempenhar atividades sem a assistência presencial do professor. Incluem o livro didático — impresso e on-line —, o conteúdo do AVA, os objetos multimídia, as aulas gravadas, as atividades e as avaliações (UNISUL, 2013). Destacam-se também, como recursos didáticos complementares para o ensino e a pesquisa, os acervos de bibliotecas digitais de variados tipos. Tais acervos resultam de serviços contratados pela instituição, que garantem à comunidade universitária amplo acesso a livros de variadas editoras e as bases de dados de periódicos nacionais e internacionais. A instituição possui, também, seu próprio repositório institucional, no qual são disseminadas as produções científicas da própria Universidade. Todos esses recursos bibliográficos apoiam as atividades de pesquisa e podem ser acessados pelo estudante de qualquer lugar e a qualquer tempo, independentemente de sua localização física.

Nesse modelo de ensino, algumas atividades que outrora eram fortemente dependentes de recursos físicos (como a pesquisa de literatura em acervos de bibliotecas físicas) têm sido gradativamente substituídas por atividades que utilizem recursos digitais, facilmente acessíveis por meio das redes de comunicação. Quanto ao polo, observa-se que, apesar de cumprirem com as determinações legais quanto à estrutura e ao funcionamento, são pouco utilizados pelos estudantes. Nota-se que a maioria dos estudantes faz uso do polo exclusivamente para a realização das avaliações presenciais obrigatórias. Isso decorre das características do modelo de EaD adotado, que não tem outros encontros presenciais obrigatórios além das avaliações, e

no qual há recursos tecnológicos disponíveis que possibilitam amplo acesso a recursos e conteúdos digitalizados e on-line, acessíveis a partir de qualquer ponto de acesso à internet.

3.2 As características e ações de Iniciação Científica desenvolvidas

A instituição oportuniza vários tipos de programas de Iniciação Científica. São programas com recursos próprios ou externos, a maioria deles com atividades não curriculares. Todos os programas estão institucionalizados e são desenvolvidos conforme regras publicadas em edital, que seguem processos tradicionais de chamada de projetos e de avaliação de mérito. A Iniciação Científica do Campus Virtual está integrada ao processo de seleção de projetos institucionais, de modo que não há tratamento distinto aos projetos oriundos da modalidade a distância ou presencial.

A instituição já possui tradição na Iniciação Científica em cursos presenciais, mas o mesmo não ocorre nos cursos EaD. Isso é atribuído à implementação mais recente dessa modalidade e também à natureza da maioria de seus cursos (tecnólogos), que não costumam ter uma afinidade natural com a pesquisa. Independente disso, a instituição, com vistas a fortalecer o desenvolvimento da pesquisa em EaD, tem reservado uma cota significativa de bolsas de pesquisa exclusivas aos projetos oriundos dos cursos a distância. Nesse processo, em 2016, foram submetidos 60 projetos, dos quais 20 foram selecionados e iniciaram seu desenvolvimento em 2017.

Os projetos de IC desenvolvidos contam com um professor orientador e um estudante, que trabalham juntos ao longo de 12 meses. Ambos estão situados em locais distintos e contam com o apoio de TICs para execução das atividades. Cada projeto, dado que possuem objetivos distintos, deve mobilizar seus próprios recursos, conforme estabelecido previamente no projeto aprovado.

Os participantes dos projetos contemplados têm o compromisso de apresentar os resultados da pesquisa em evento de divulgação científica promovido pela Universidade, em data próxima ao final do projeto. Nesse caso, os estudantes de EaD participam por meio de videoconferências transmitidas a partir de sua localidade de origem.

O perfil dos projetos de pesquisa e suas principais características são analisados na próxima seção deste artigo.

4. RESULTADOS ALCANÇADOS

Conforme descrito na seção dos aspectos metodológicos, esta pesquisa procedeu a uma análise qualitativa dos 20 projetos de pesquisa de Iniciação Científica do Campus Virtual atualmente em andamento e, complementarmente, a uma análise — igualmente qualitativa — de dados coletados em questionário submetido aos estudantes-pesquisadores, com vistas a confirmar ou refutar impressões obtidas com a análise dos projetos. O Campus Virtual já teve outros projetos de IC realizados anteriormente, porém foram experiências pequenas e pouco sistematizadas. Mais recentemente, o edital do programa institucional de Iniciação Científica acolheu maior

volume de projetos do campus virtual (60 projetos submetidos e 20 aprovados), motivo pelo qual se determinou que esses projetos constituiriam nosso objeto de pesquisa. Além disso, o fato de termos acesso direto aos estudantes e professores dos projetos em andamento também consistiu num fator adicional para elegermos esse universo de pesquisa.

Conforme esclarecido anteriormente, a coleta de dados ocorreu em dois momentos, sendo o primeiro com base no texto dos vinte projetos de IC analisados, com foco em informações referentes à metodologia, em especial com relação à infraestrutura requerida para a realização da pesquisa; e segundo com base na aplicação de um questionário aos estudantes-pesquisadores, para verificar se utilizaram o espaço do polo e se encontraram dificuldades decorrentes da falta de uma estrutura de apoio presencial. O Quadro 1 apresenta algumas características dos projetos analisados.

Quadro 1 – Caracterização dos projetos de IC da instituição, em andamento em 2017

Proj.	Polo	Aspectos metodológicos do projeto	Infraestrutura	
			Polo é imprescindível?	Considera o polo?
162	Manaus (AM)	Coleta de dados em campo e em bancos de dados digitais. Análise dos dados quanti-quali.	Não	Não
380	Porto Alegre (RS)	Coleta de dados em uma rede social e em banco de dados on-line. Análise de dados quantitativos.	Não	Sim
409	Tubarão (SC)	Aplicação de questionário online e pesquisa documental em banco de dados digital.	Não	Sim
426	Brasília (DF)	Aplicação de questionário online. Análise qualitativa de dados.	Não	Sim
430	Petrolina (PE)	Pesquisa documental em banco de dados online. Análise qualitativa de dados.	Não	Sim
439	Brasília (DF)	Pesquisa documental e aplicação de questionário em campo. Análise de dados qualitativa.	Não	Sim
468	B.Horizonte (MG)	Pesquisa em bancos de dados online de filmes. Análise de dados qualitativa.	Não	Não
489	B.Horizonte (MG)	Pesquisa documental em websites. Análise de dados qualitativa.	Não	Não
514	Porto Alegre (RS)	Observação participante e aplicação de questionário. Análise estatística dos dados apoiada por software.	Sim	Sim
549	Palhoça (SC)	Aplicação de questionário online. Análise dos dados qualitativa.	Sim	Sim
570	Vitória (ES)	Pesquisa de campo com observação participante. Análise dos dados qualitativa.	Sim	Sim

Proj.	Polo	Aspectos metodológicos do projeto	Infraestrutura	
			Polo é imprescindível?	Considera o polo?
602	B.Horizonte (MG)	Experimentos químicos laboratoriais realizados pelo orientador na sede do campus e análise de dados com apoio de software específico.	Não	Não
605	Palhoça (SC)	Pesquisa de desenvolvimento e aplicação de materiais didáticos para o ensino de matemática.	Sim	Sim
609	Brasília (DF)	Avaliar de um software matemático a partir de critérios teóricos específicos.	Não	Não
617	Fortaleza (CE)	Aplicação de questionário online e pesquisa documental em materiais digitais. Análise de dados quanti e quali.	Não	Não
619	Porto Alegre (RS)	Pesquisa documental em documentos digitais e análise de dados qualitativa.	Sim	Sim
632	Rio de Janeiro (RJ)	Pesquisa documental em documentos digitais e análise de dados qualitativa.	Não	Não
683	Fortaleza (CE)	Pesquisa em documentos digitais e análise de dados qualitativa.	Não	Não
706	Porto Alegre (RS)	Pesquisa de campo e observação. Análise de dados qualitativa .	Não	Não
715	S.Leopoldo (RS)	Estudo de caso em uma empresa de tecnologia. Análise de dados qualitativa.	Não	Não

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

Os dados revelaram que, dos 20 projetos, apenas 5 indicam que o polo seja imprescindível; além desses 5 projetos, outros 5 ao menos consideram o uso do polo, embora não indiquem que seja imprescindível. Contudo, é importante contextualizar o que significa ser imprescindível conforme o texto desses projetos. 4 dos 5 projetos que supostamente têm o polo como um elemento imprescindível afirmam que a estrutura de apoio presencial é necessária para a impressão dos instrumentos de coleta de dados (questionários), além de prever a utilização do laboratório de informática. O único projeto explícito ao prever utilização da estrutura de apoio presencial, incluindo laboratório, está vinculado a um campus presencial (e não a um polo de apoio presencial propriamente).

Analisando os dados referentes à infraestrutura física necessária para as pesquisas, observa-se serem recorrentes projetos segundo os quais "a universidade possui recursos bibliográficos e de referência bastante razoáveis para apoiar os estudos teóricos sobre o tema do projeto", mas nenhum deles faz referência à biblioteca do polo. Soma-se a isso o fato de a biblioteca da Universidade oferecer serviço de remessa de livros físicos à residência do estudante, além de ter dezenas de

bases de publicações científicas assinadas, à disposição da comunidade acadêmica. Ou seja, Improvável que os autores do projeto estejam contanto com a biblioteca física dos polos. Também são recorrentes afirmações como a seguinte: "Outros recursos necessários são a infraestrutura de computador, software de planilha de dados e acesso à internet pelo estudante no local em que reside. Este se responsabiliza pelo seu provimento, dado que esses recursos já são usualmente utilizados em seus estudos a distância. Não há, portanto, necessidade de providenciar outros recursos externos ou custos associados ao provimento de infraestrutura por parte da Unisul." Disso inferimos que o projeto prescinde do polo presencial.

Pela análise dos projetos, observa-se que seus autores sequer os redigiram pensando na possibilidade de contar com os polos presenciais na pesquisa. A indicação recorrente (no item Infraestrutura dos projetos) de que a instituição "dispõe de infraestrutura física para a realização da pesquisa" parece ser apenas pró-forma, com vistas a atender a uma exigência formal da comissão avaliadora, já que os estudantes, em sua totalidade, afirmam que jamais tiveram necessidade de uma estrutura de apoio presencial no decorrer das atividades até então.

Outra reflexão que se destaca é que há alguns casos isolados de projetos que contam com a estrutura de apoio presencial, mas nesses casos ela parece ser mais conveniente do que fundamental para a execução dessas pesquisas. A grande maioria ou dispensa o polo ou apenas menciona a existência dele por formalidade. Isso pode refletir algumas possíveis causas: a) os pesquisadores desconhecem as possibilidades de uso dos polos; b) não há incentivo para pensar no polo (e contar com ele) na hora de conceber e redigir os projetos; ou c) os pesquisadores talvez considerem a estrutura do polo precária ou básica demais para contar com ele como algo fundamental para a execução da pesquisa.

O Projeto 602 é um caso particular, pois prevê experimentos químicos laboratoriais (relacionados à produção de biodiesel) e o uso de um software específico como ferramenta de análise. No entanto, percebe-se que os experimentos serão feitos no laboratório vinculado ao grupo de pesquisa no campus presencial (pelo orientador), sendo que o orientando irá trabalhar a distância, com o software, na análise dos dados coletados. De qualquer forma, é um caso que demonstra como envolver o estudante de EaD em projetos que requerem recursos laboratoriais mais robustos.

Os únicos projetos que indicam que a infraestrutura de apoio presencial é imprescindível, ou o fazem considerando o uso da impressora do polo (para impressão de algum instrumento de pesquisa, por exemplo), ou são projetos cujos pesquisadores atuam em algum dos campi presenciais da instituição que contam com recursos da sede da Universidade.

As respostas aos questionários aplicados aos estudantes-pesquisadores unanimemente indicam que estes jamais utilizaram o espaço do polo para as suas pesquisas e que não encontraram dificuldades que poderiam ser sanadas caso houvesse uma melhor estrutura de apoio presencial. A única exceção encontra-se na seguinte declaração:

o Polo de Manaus mudou de endereço recentemente. [...] A única dificuldade até o momento foram alguns dias sem acesso à internet. Se o polo puder servir de apoio nesse sentido, creio que ajudaria muito os colegas que tiverem esta dificuldade.

Em síntese, pela análise dos dados, parece-nos razoável concluir que um modelo de EaD que prescindir dos polos presenciais para a execução de atividades essenciais como a Iniciação Científica, pode induzir projetos de pesquisa de IC cuja execução também prescindir de infraestruturas de apoio presencial muito particulares (como laboratórios específicos, por exemplo), as quais dependeriam de polos que as oferecessem.

A despeito disso, os projetos indicam intervenções muito significativas nas diversas localidades onde os estudantes-pesquisadores residem, mostrando que a extensão da Universidade nessas localidades não depende necessariamente da estrutura física dos polos, como tende a enfatizar a legislação oficial. Isso poderia nos levar a, inclusive, alargar o conceito de polo como sendo toda a extensão de uma universidade em determinada localidade distante da sede, incluindo-se as intervenções diversas promovidas, por exemplo, por estudantes-pesquisadores em projetos de IC.

A independência em relação aos polos declarada pelos estudantes, que afirmaram estar satisfeitos com o apoio a distância, endossa o conceito de “estar junto virtual” proposto por Valente (2002). O autor destaca que as ferramentas de interação pela internet proporcionam variadas oportunidades para que estudante e professor atuem conjuntamente, seguindo juntos no processo de construção de conhecimentos e de reflexão sobre eles. Também sobre isso, Schlemmer (2010) destaca que o “estar presente” não se limita mais à presença física imposta pela restrição de um corpo físico. Podemos estar simultaneamente em dois espaços ou ainda estar juntos virtualmente, vivenciando a interação com a real sensação de proximidade proporcionada pelo uso de recursos digitais.

A ideia de estar junto virtualmente para o desenvolvimento de projetos em EaD no ensino superior é também descrita por Lannes e Lannes (2016), que apresentaram sua experiência de desenvolvimento de projetos em que professores-orientadores e seus estudantes bolsistas, situados em polos mais remotos, superaram o distanciamento físico por meio da interação provida pelas tecnologias da informação. A produtividade dos trabalhos desenvolvidos remotamente, contudo, não foi garantida pela mera disponibilidade dos meios tecnológicos de interação, mas sim, pela adoção de processos que garantiram que as interações efetivamente ocorressem. Nessa experiência, assim como na experiência relatada neste artigo, observou-se que o polo pode ser representado pela ação do aluno que a ele se vincula e na comunidade em que ele atua, e não exclusivamente pela estrutura física do polo (o prédio, os laboratórios etc.). A ação docente de apoio pode, também, se dar remotamente, independentemente de sua presença em estruturas físicas do polo.

5. CONCLUSÃO

Neste artigo apresentou-se um modelo de EaD praticado por uma universidade comunitária brasileira, com foco em experiências de Iniciação Científica praticadas dentro de tal modelo. As características do referido modelo favorecem as relações entre seus atores, por meio das tecnologias da informação e comunicação, o que leva os estudantes a fazerem pouco ou nenhum uso da infraestrutura existente nos polos de apoio presencial. Como parte das ações de EaD desenvolvidas, caracterizou-se o Programa de Iniciação Científica praticado pela instituição, que pressupõe o desenvolvimento de projetos de IC entre o professor e o aluno, os quais podem estar remotamente situados em qualquer um dos 77 polos da instituição.

Para investigar a participação do polo nos projetos de Iniciação Científica, avaliou-se os projetos em andamento de modo a verificar em que medida contavam ou não com recursos disponíveis na infraestrutura presencial dos polos. Os resultados dessa avaliação mostraram que, em sua grande maioria, os projetos não demandaram tais estruturas presenciais. Além disso, as respostas dos estudantes ao questionário aplicado reforçaram a percepção de que os polos não são essenciais para o desenvolvimento de suas tarefas no projeto. Os motivos para isso podem estar relacionados a alguns fatores, tais como: (a) os pesquisadores desconhecem as possibilidades de uso dos polos; (b) não são incentivados a pensar no polo (e contar com ele) na hora de conceber e redigir os projetos; ou (c) os pesquisadores talvez considerem a estrutura do polo precária ou básica demais para contar com ele como algo fundamental para a execução da pesquisa.

Independente dos motivos verifica-se que o mesmo padrão de baixo uso da infraestrutura encontrado nas atividades de ensino se repete para as atividades de Iniciação Científica. Nesse sentido, propõe-se que o modelo de EaD adotado pela instituição, que favorece uma dinâmica de estudo autônomo e com comunicação predominantemente assíncrona entre seus atores, acaba por condicionar o perfil dos projetos de Iniciação Científica. Desse modo, parece-nos razoável propor que um modelo de EaD que prescindir dos polos presenciais para a execução das suas atividades essenciais, pode induzir projetos de pesquisa de IC cuja execução também prescindir de infraestruturas de apoio presencial muito particulares (como laboratórios específicos, por exemplo), as quais dependeriam de polos que as oferecessem.

Por outro lado, os projetos analisados indicam intervenções muito significativas nas diversas localidades onde os estudantes-pesquisadores residem, mostrando que a extensão da universidade nessas localidades não depende necessariamente da estrutura física dos polos, como tende a priorizar a legislação brasileira. Isso poderia nos levar a, inclusive, alargar o conceito de polo como sendo toda a extensão de uma universidade em determinada localidade distante da sede, incluindo-se as intervenções diversas promovidas, por exemplo, por estudantes-pesquisadores em projetos de IC.

Nossas conclusões também nos levam a outra advertência: o fato de modelos de EaD que priorizem as relações virtuais, induzam projetos de pesquisa que não

dependem da estrutura de apoio presencial, não significa, necessariamente, que projetos assim não possam acontecer e, tampouco, que não devam ser incentivados pela instituição. Por exemplo, projetos que demandassem estruturas laboratoriais mais complexas poderiam sim ser realizados por estudantes EaD; em casos assim, ou a instituição poderia encontrar uma maneira de prover tal estrutura no polo presencial, ou poderia ela firmar parceria com empresas ou outras instituições locais que dispusessem de tal estrutura. Dessa forma, a modalidade EaD não seria um impeditivo para projetos que exigem recursos mais robustos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. INPE - SINAES. **Credenciamento de Polo de Apoio Presencial para Educação a Distância**. Brasília: MEC/INEP, 2010. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/ead/Instrumento_Cred_Polo_EAD_atualizado_agosto.pdf>. Acesso em: 09 maio 2017.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 11 de março de 2016.. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=35541-res-cne-ces-001-14032016-pdf&category_slug=marco-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 09 maio 2017.

LANNES, Q. L. L. Co. e LANNES, W. Ampliando o conceito do “estar junto virtual” no enfrentamento dos desafios do PIBID em um curso de licenciatura na modalidade a distância. **Revista EmRede**, v. 3, n. 3, 2016. p. 237-251. Disponível em: <<http://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/125>>. Acesso em: 09 maio 2017.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2012.

OBLINGER, D. G. **Learning spaces**. Washington: Educause, 2006. Disponível em: <<https://www.educause.edu/research-and-publications/books/learning-spaces>>. Acesso em: 02 maio 2017.

SCHLEMMER, E. Dos ambientes virtuais de aprendizagem aos espaços de convivência digital virtuais. In: VALENTINI, C. B., e SOARES, E. **Aprendizagem em ambientes virtuais**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010. p. 145-191.

SOUZA, A. R. B; SARTORI, A.; ROESLER, J. Mediação pedagógica na educação a distância: entre enunciados teóricos e práticas construídas. **Diálogo Educacional**, v. 8, n. 24, p. 327–339, 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=2009&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 09 maio 2017.

UNISUL. **Aprendendo a distância**: como estudar na UnisulVirtual. Palhoça: UnisulVirtual, 2013.

VALENTE, J. A. Uso da Internet em sala de aula. **Educar em Revista**, 2002, v. 19, n. 1. p. 131-146. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2086>>. Acesso em: 09 maio 2017.